



Artigo original

A TRADUÇÃO DE PROVÉRBIOS E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS XICHANGANA

Teresa Manjate

Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique

Resumo: Em muitas antologias paremiográficas e de idiomatismos de Moçambique, encontram-se traduções das línguas bantu para inglês ou português. Os paremiógrafos como H.P. Junod (1975), A. Rita-Ferreira (1960), Padre Armando Ribeiro (1989) apostaram em diferentes possibilidades de tradução na apresentação dos provérbios por si recolhidos. O presente artigo visa reflectir sobre as possibilidades de tradução de provérbios e frases feitas a partir das propostas teóricas de R. Jakobson (1969), Venuti (1995; 2002), Berman (2007) e Schleiermacher (2007). A partir de uma visitação teórica da Semiótica de Morris (1971, 1978), o texto discute aspectos da tradução interlinguística e comparada de provérbios e idiomatismos, como estratégias literárias e funcionais dos textos.

Palavras-chave: Expressões idiomáticas, provérbios, tradução, Xichangana.

The translation of Xichangana proverbs and idioms

Abstract: In many Paremiographic and linguistic anthologies from Mozambique, translations from Bantu languages into English or Portuguese are found. Paremiographers - H.P. Junod (1975), A. Rita-Ferreira (1960), Father Armando Ribeiro (1989), undertook different possibilities of translation in the presentation of the proverbs collected by them. This article aims to reflect on the possibilities of translating proverbs and idioms made from the proposals of R. Jakobson (1969), Venuti (1995; 2002), Berman (2007) and Schleiermacher (2007) theories on translation. Based on mentioned above theories and Semiotics defended by Morris (1971, 1978), the article discusses aspects of interlingual and comparative translation of proverbs and idioms, such as texts' literary and functional strategies.

Keywords: Idioms, proverbs, translation, Xichangana.

Correspondência para: (correspondence to:) manjatet@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo com o título *A tradução de provérbios e expressões idiomáticas* pretende discutir estratégias de tradução de provérbios e expressões idiomáticas, como uma forma produtiva na comunicação intercultural, num contexto em que o intercâmbio de signos e valores cooperam de forma complexa. Nesta perspectiva, “mais do que substantivo, o intercultural deve ser visto como adjectivo, reforçando assim o que nesse conceito existe de processual. (...) É igualmente importante perceber de forma clara que os lugares que habitamos e as fronteiras que nos separam constituem realidades que, em boa medida, são irremovíveis, transcendendo assim

qualquer retórica multicultural” (Cabecinhas e Cunha, 2008, p.7-8).

A tradução, como exercício amplo e complexo de comunicação é muito antigo. É normalmente concebida como produto de cruzamentos e fusões culturais que, através de textos de diferentes géneros, é transportado pelo mundo, como uma forma de relações dialógicas entre indivíduos e de culturas ou percepções diferentes de realidades múltiplas. Visando superar as distâncias, segundo a perspectiva da dialogia cultural inspirada por Mikhail Bakhtin (2006), a tradução pode ser realizada de muitas formas: dentro de uma língua com a mesma cultura, ou dentro de uma língua com culturas diferentes, a

intralinguística; dentro de línguas diferentes e com culturas diferentes e ainda dentro de línguas iguais ou diferentes, a interlinguística e intercultural, usando códigos diversos, a intersemiótica (Jakobson, 1959).

As definições dadas à palavra tradução limitam-se, muitas vezes, à visão que restringe à noção de passagem de uma língua para outra. A explanação mais óbvia é dada pela etimologia: a palavra vem do latim, *traducere* significa “conduzir para além”, transferir, metaforicamente levar alguém pela mão *para o outro lado*, para outro lugar. Esta “viagem” para o outro lado é feita através de textos, pela mão do tradutor; por outras palavras, o tradutor faz a ponte entre dois universos e sujeitos num exercício de intersubjectividade.

Segundo Rónai (1981, p. 3-4) “o sujeito do verbo *traducere* é o tradutor, o objecto directo, o autor e a sua visão inscrita num texto, o original, a quem o tradutor introduz num ambiente novo. No entanto, a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considerando-se que é ao leitor que o tradutor ‘pega pela mão’ para levá-lo para outro lado, para o meio linguístico e cultural que não é o seu” ou ainda por caminhos da leitura e da interpretação que ele sugere, motivado por um texto com uma mensagem, envolvendo realidades e contextos específicos. Numa perspectiva particularmente dinâmica, Octávio Paz, em *Traducción: literatura y literalidad*, afirma que aprender a falar é aprender a traduzir:

Aprender a hablar es aprender a traducir; cuando el niño pregunta a su madre por el significado de esta o aquella palabra, lo que realmente pide es que traduzca a su lenguaje el término desconocido. La traducción dentro de una lengua no es, en este sentido, esencialmente distinta a la traducción entre dos lenguas, y la historia de todos los pueblos repite la experiencia infantil: incluso la tribu más aislada tiene que enfrentarse, en un momento o en otro, al lenguaje de

un pueblo extraño (PAZ, 1971, p.1).

Numa outra perspectiva igualmente dinâmica e mais complexa, Jakobson (1959) distingue três formas de tradução:

- (i) a intralinguística, que consiste na interpretação de signos e mensagens mediante outros signos ou mensagens dentro de uma mesma língua, a reformulação. Isto é, muitas vezes é preciso recodificar um texto numa mesma língua para a sua compreensão cabal, quer seja dentro de uma mesma cultura ou não, particularmente num contexto multicultural como é o caso de Moçambique. Este processo também se verifica em diferentes contextos e realidades culturais, dentro de culturas diferentes ou através de outros sistemas de símbolos não verbais. Muitas vezes neste processo, esquecemos das línguas de sinais.
- (ii) a interlinguística, que consiste na tradução e interpretação de signos ou mensagens mediante outro idioma, isto é, de uma língua de partida e para outra, a língua de hospedagem;
- (iii) a intersemiótica ou de "transmutação" por definida por este autor como sendo o tipo de tradução que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais, ou de um sistema de signos para outro. Há vários casos que se podem convocar como exemplificativos: da arte verbal – romances ou novelas - para o cinema (audiovisual), da arte verbal para a música (áudio), ou pintura (visual), ou vice-versa.

Poderíamos acrescentar a esta visão plural de Jakobson outras formas de ver a tradução, como a de Bassnett (2008) que

defende que a tradução é um processo cognitivo que ocorre nos mais diversos níveis de linguagem, desde o campo linguístico da tradução sígnica de textos, como obras literárias e científicas, ao campo das outras linguagens, como a música, a arte, o cinema, etc.

No campo das traduções – teorias e práticas - podem ser registadas outras dimensões como a cultural, a ideológica, a estética e a ética. Estas dimensões são deveras importantes na medida em que funcionam como um barómetro, no quadro dos tipos de tradução, norteador do exercício heurístico e sobretudo exegético, como espelho do exercício realizado pelo sujeito responsável pela trajectória do texto, de um texto (T1), para outro (T2), sem que seja necessariamente de uma língua para outra.

A tradução de textos literários, por exemplo, implica mudanças de uma forma estética para outra, particularmente no âmbito da poesia. Esta é geradora de muitos debates, o que se reflecte tanto pela tradição qualitativa e quantitativa de trabalhos produzidos ao longo da História da Literatura, quanto pela reflexão teórica relativa a este tipo de operação. Teorias produzidas sobretudo por artistas pensadores abriram caminho para pesquisas sobre a tradução que transcendem as características meramente linguísticas. Entre línguas e/ou dentro de uma mesma língua, no processo de transposição de mensagens de um T1 para um T2, é fundamental ter a dimensão cultural dos aspectos sígnicos. Charles Morris (1938, 1978) teve o mérito de ter estabelecido a aproximação, na sua teoria, áreas da linguística moderna como a Semiótica, a Sintaxe, a Semântica e a Pragmática. Esta abordagem é de extrema importância, particularmente para o nosso objecto de estudo: provérbios e expressões idiomáticas, pois a sua descrição e estudo passa por compreender a sua estrutura, os sentidos que projectam e o efeito que tem nos textos e nos receptores da mensagem, num determinado contexto situacional. Esta

aproximação permite relacionar os textos, os sujeitos e os contextos de emissão e de recepção, muito relacionados com as teorias da Estética da Recepção dos finais do século XX, defendidas por exemplo de R. Jauss (1921-1997) e W. Iser (1926-2007).

Muitos estudiosos, particularmente do universo anglo-saxónico, definem os provérbios e as expressões idiomáticas como idiomatismos. No presente artigo, separamos os dois géneros por duas razões: por os provérbios serem textos independentes e as expressões idiomáticas serem sintagmas, isto é, combinatórias de lexemas numa determinada sequência, como unidades semânticas, que o uso consagrou e cujo significado não se percebe através da simples somatória das partes as compõem. Os significados literais podem, em boa parte dos casos, ajudar a entender o significado conotativo da expressão, através de projecções semânticas, tendo em conta os contextos em que os sintagmas e os textos são usados. Assim, apesar de o sentido de uma expressão idiomática não estar ligado exclusivamente ao sentido de suas partes constituintes, é importante atentar para os casos em que as unidades lexicais que a constituem, direccionam o seu uso.

Os provérbios, definidos como formas-fixas, são textos curtos cuja combinação lexical e estrutural (Sintaxe) projectam sentidos (Semântica) que exigem uma contextualização. Extrapolando a visão da Sintaxe e da Semântica e visando assim a influência do contexto comunicacional, relacionando os textos, os sujeitos e os contextos de enunciação, impõe-se a Pragmática.

As expressões idiomáticas são definidas de muitas maneiras. Xatara (1998) define-as como uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada num idioma, pela tradição cultural.

...E explicamo-nos sumariamente:
lexia complexa porque tem o
formato de uma unidade
locucional ou frasal;

indecomponível porque constitui uma *combinatória fechada*, de distribuição única ou distribuição bastante restrita; *conotativa* porque a sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes; *cristalizada* porque a sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra. Essas características excluem, portanto, as locuções (ao lado, desde que etc.), as combinatórias usuais (apoio incondicional, diametralmente oposto etc.) e as perífrases verbais (correr o risco, dar um passeio etc.) de sentido denotativo; os ditados (Quanto mais se tem, mais se quer) e provérbios (Em terra de cegos, quem tem um olho é rei), cuja formulação arcaizante confere-lhes um tipo de autoridade que depende da "sabedoria dos antigos"; e os sintagmas terminológicos (supremo tribunal federal, válvula redutora de pressão etc.), restritos a uma determinada área científica ou técnica (XATARA, 1998, 169-170). [o sublinhado é nosso]

Assim, para se identificar uma expressão idiomática (idiomatismo) consideram-se as seguintes características: a indecomponibilidade da unidade fraseológica (quase não existindo possibilidade de substituição por associações paradigmáticas), a conotação (a sua interpretação semântica não pode ser feita com base nos significados individuais de seus elementos) e a cristalização (consagração de um significado estável).

Ntsanwuisi, estudioso sul-africano, por seu turno adianta que

generically refers to the form of speech peculiar to a people or nation. This means that the language of a people or nation has

only one characteristic idiom, peculiar to itself, which permeates its whole structure and communicative system. Secondly, the term idiom may also be applied to mean a writer's style i.e. the mode of expression characteristic of a writer. It may also be used (...) particularly those forms of expression, of grammatical construction, or a phrasing, which are peculiar to a language, and approved by its usage, although the meaning they convey are often different from their grammatical or logical signification (NTSANWUISI, 1985, p. 1).

Na esteira da teoria semiótica de Morris em *Signos e Valores* (1978), a nível da Sintaxe, os signos (elementos portadores de sentido) formam-se e agrupam-se segundo regras definidas. Nesta perspectiva, é importante considerar (i) as regras de formação que determinam as construções das proposições; (ii) as regras de transformação dos sistemas e sintagmas como produtoras de significação; a nível da Semântica, a questão reside na relação e das condições em que um signo é aplicável a um objecto ou a uma situação, estendida a proposições, uma vez que envolve necessariamente a referência a regras semânticas dos signos que a compõem. A nível da Pragmática, estabelece-se a ligação entre os signos e os seus utilizadores, inscrevendo-se assim a importância dos sujeitos e dos contextos. Estes pressupostos semióticos defendidos por Morris (op. cit) são importantes para perceber a complexidade do processo de tradução.

A presente discussão foi efectuada com base num *corpus* referente a expressões idiomáticas e provérbios recolhidos, traduzidos e publicados em Antologias Paremiográficas de Henri-Philippe Junod *Vutlhari bya Vatsonga (Machangana) / The Wisdom of the Tsonga-Shangana People* (1978), A. Rita Ferreira *A Tradição gnómica em Homóine* (1960), Padre Armando Ribeiro *601 Provérbios Changanas* (1989) e H. W. E. Ntsanwisi

Tsonga Idioms – a descriptive study (1980). A metodologia usada é descritiva e comparativa, visando identificar os processos usados na tradução dos provérbios e expressões idiomáticas nas Antologias e, em simultâneo compará-los. Esta metodologia permite identificar e comparar as técnicas de tradução e perceber as dinâmicas numa perspectiva sobretudo intercultural.

A discussão é feita à luz das teorias e práticas de tradução desenvolvidas por Roman Jakobson (1959), Laurence Venuti (1995; 2002), Antoine Berman (2007) e Friedrich Schleiermacher (2007)¹. A partir da teoria semiótica de C. Morris (1971, 1978), o texto discute aspectos da tradução interlinguística e comparada de provérbios e idiomatismos como estratégias literárias e funcionais dos textos. O objectivo é identificar e discutir as diferentes perspectivas de tradução de provérbios e expressões idiomáticas, como premissa para o desenvolvimento de uma dialogia (Bakhtin, 2006) cultural horizontal como pressuposto fundamental redimensionamento das perspectivas de identidade (Eu) e alteridade (o Outro).

Princípios e valores da tradução

A tradução foi vista durante muito tempo como o trabalho de heurístico e exegético de equivalências entre duas ou mais línguas, sendo o tradutor mero transmissor da mensagem original. Esta perspectiva, se por um lado, exerceu a sua função de estreitamento de distâncias entre sujeitos e/ou grupos, por outro, levantou e ainda levanta também muitas questões que têm a ver com a filosofia da comunicação, particularmente sobre os valores dos sujeitos envolvidos (Morris, 1978). Esta perspectiva defende a intermediação entre a recepção passiva e a activa, que compreende a configuração das normas, experiências de escrita e de leitura, os contextos bem como a projecção de novos produtos discursivos e textuais (Jauss, 1978, 1994; Iser, 1996).

Estas perspectivas contestam as filosofias que inscrevem ou votam ao esquecimento o tradutor, o sujeito responsável pela transposição de um texto original (T1) para outro texto (T2). Instaure-se assim uma visão que pretende dar visibilidade à pessoa que traduz o texto como leitor e sujeito envolvido no processo comunicativo que a obra despoleta.

Nas linhas de pensamento de Morris (1978), Jauss (1978) e Iser (1996), os sujeitos envolvidos, incluindo os receptores, são importantes porque dão a dimensão dos textos e dos sentidos que estes produzem ou projectam. É nesta perspectiva que a tradução ganha uma nova dimensão ao associar a componente da interpretação.

Outro factor importante, incontornável, é o texto: os textos têm um conteúdo, mas também uma forma. A preocupação de manter estas duas componentes próximas do texto original levanta muitas questões, sobretudo quando se trata de textos com determinadas características. Há textos cujas especificidades transcendem o conhecimento que se tem, de forma linear, o significado imediato de cada uma das partes. A nível da forma, pode impulsionar exercícios que podem incompatibilizar a forma ou o conteúdo. No contexto da tradução de provérbios e expressões idiomáticas, a preocupação em buscar textos equivalentes na língua hospedeira, pode levar a um distanciamento entre a forma “original”, de partida e a de chegada, a traduzida. É o que acontece com textos de determinados géneros como a poesia. Em defesa desta visão que procura resgatar a forma Berman adianta que

... a tradução caracteriza-se por três traços. Culturalmente falando, ela é etnocêntrica. Literariamente falando, ela é hipertextual. E filosoficamente falando, ela é platónica. A essência etnocêntrica, hipertextual e platónica da tradução recobre e oculta uma essência mais profunda, que é simultaneamente ética, poética e pensante. Nas suas regiões mais

profundas, o traduzir está ligado à ética, à poesia e ao pensamento. (...) Mas o ético, o poético, o pensante e o religioso, por sua vez, definem-se em relação ao que chamamos a “letra”. A letra é seu espaço de jogo (BERMAN, 1999, p.34).

Esta perspectiva levanta outras questões que incluem a ideológica que divide a tradução em duas linhas: a *etnocêntrica* - focada na cultura, normas e valores da língua de chegada e a *estrangeirizante* - que, contrariando a *etnocêntrica* valoriza o Outro; nesta linha, o tradutor tenta transmitir ao leitor o “brilho da novidade” do texto original, deixando claro que aquele autor viveu e escreveu numa outra língua e vive numa outra cultura, ou seja, o texto e a cultura do Sujeito de escrita do texto de partida é importante e deve ser reconhecido (Berman, 2007, Schleiermacher, 2007).

Friedrich Schleiermacher, no seu ensaio intitulado “Sobre os diferentes métodos de tradução”, de 1813, discute duas possibilidades em relação à prática: ou o tradutor deixa o autor, “esquece-o” e leva o leitor até ele; ou o tradutor deixa o leitor e leva o autor até ele.

Esta última ideia será mais tarde retomada de maneira mais filosófica por Walter Benjamin, autor de um famoso ensaio sobre tradução: “A tarefa do tradutor” ao observar que “a tradução só deve ir ao encontro do leitor no caso de também acontecer no original. Mas se não for essa a finalidade do original, como se poderá compreender que a tradução assuma tal prerrogativa?” (2008, p. 25). De modo mais ideológico Lawrence Venuti (2002), tradutor e teórico da tradução italo-americano, retoma a discussão e emprega, na avaliação das traduções, as expressões “tradução estrangeirizante” versus “tradução domesticadora”, condutoras de muitas discussões associadas ao respeito pelo Outro, no jogo da alteridade. A pergunta que se pode colocar é a seguinte: estando uma língua relacionada a uma cultura e à

identidade de um povo, como seria possível tentar transmitir ao leitor a sensação de que a obra foi escrita originalmente na sua língua?

Segundo Venuti (2002, p. 27), toda a tradução tem intrinsecamente um caráter “doméstico”, quer dizer, “a função da tradução é a assimilação, a inscrição de um texto estrangeiro com inteligibilidades e interesses domésticos”. No entanto, o bom tradutor deve procurar “minimizar” o impacto da tradução, introduzindo “variações que alienam a língua doméstica e, visto que são domésticas, revelam a tradução como sendo, de facto, uma tradução, distinta do texto que ela substitui”. A tradução é “naturalizadora”, pois conduz uma obra estrangeira para outro ambiente linguístico, adaptando-a ao máximo aos costumes do novo meio; retire-lhe as características exóticas e faz esquecer que reflecte uma realidade longínqua, essencialmente diversa. A tradução “naturalizadora” debate-se com a *estrangeirizante* ou “identificadora”, que conduz o leitor para o país da obra que lê, mantendo cuidadosamente o que a referida obra tem de diferente, de genuíno, e acentuando a cada instante a sua origem estrangeira.

Schleiermacher (2007) ao tratar mais especificamente do que refere como tradução “da arte e da ciência” aponta o quanto esta questão não é uma simples actividade mecânica, mas um exercício que requer um posicionamento do tradutor, pois este exercício só poderia ser mecânico se, nas línguas, as palavras tivessem palavras exactamente correspondentes, expressando o mesmo conceito; se as flexões apresentassem as mesmas relações e os modos de ligação coincidissem. O filósofo convoca ainda a Pragmática, envolvendo os sujeitos, por um lado, o autor, que nos seus textos, usa a língua de forma particular e, por outro, o leitor que a recebe também a seu modo, em contextos múltiplos e diversos.

O caso dos provérbios e expressões idiomáticas

Na revisão da literatura sobre o tema no campo da Linguística, o que chama mesmo a atenção é o facto de os estudos idiomáticos e fraseológicos girarem em torno de um denominador comum: a forma-fixa e o sentido único. Os idiomatismos e os fraseologismos de que fazem parte os provérbios e as expressões idiomáticas seriam, nesta perspectiva, um lugar privilegiado para deixar ver a correlação simétrica e biunívoca entre forma e sentido. Esta abordagem dominante nos estudos linguísticos modernos sobre tais expressões consubstanciou-se no modelo conhecido como semântico (muitas vezes, sintático-semântico) e no conceito de idiomaticidade, no sentido em que a qualidade de uma língua tem particularidades nas suas estruturas, o singular das suas manifestações linguísticas e que a caracterizam. Este aspecto é central no escopo do estudo de provérbios e idiomatismos, devido ao seu carácter de excepcionalidade e irregularidade. É um conceito-chave da Fraseologiaⁱⁱ e da Paremiologiaⁱⁱⁱ – e instigada pela singularidade manifesta na forma de significar, que diz respeito a uma estrutura particular/idiomática de língua cuja manifestação no discurso (oral ou escrito) traz efeitos singulares de sentido ao falante/ouvinte/leitor, resultantes de processos de representação metafóricos e metonímicos.

Expressões idiomáticas emergem na comunicação oral e/ou escrita e suscitam questões relativas à sua delimitação, tendo em conta ainda a sua complexidade formal e os efeitos de sentido que produzem. A partir de alguns exemplos, pode-se perceber a dificuldade de tradução. Do inglês *it is raining cats and dogs* (literalmente, está a chover gatos e cães) para se dizer que chove muito, imenso; do Xichangana *ku fihla min'wala* (literalmente esconder as unhas) para dizer disfarçar o carácter (violento, oportunista, egoísta, etc. de alguém). Isto

demonstra que o exercício de transposição de uma língua para outra pressupõe uma decisão do tradutor. Tradução literal ou de sentido? Ou ambas?

No contexto dos provérbios, o tradutor tem de estar mais atento aos jogos dos significantes. O choque coloca-se entre aqueles que defendem a tradução por equivalência, isto é, buscando na língua de chegada um provérbio igual ou semelhante (em termos de sentido) àquele da língua de partida, inscrevendo uma visão etnocêntrica e aqueles que defendem uma tradução literal, isto é, aqueles que tomam em conta a letra, traduzindo não apenas palavra por palavra, mas também tentando espelhar também o ritmo, a forma, a concisão e as eventuais aliterações, a tradução estrangeirizante.

Padre Armando Ribeiro (1989), em *601 Provérbios Changanas*, uma antologia paremiológica, na tradução do Xichangana para português, usa uma forma mista em que procura manter a forma da língua de partida.

Duma ri voniwa hi midiwa. (Grafia como na fonte)

O touro conhece-se pelas cicatrizes (que recebeu na luta com outros touros)

O herói conhece-se pelas cicatrizes.

Hosi yi vanhu.

O rei são as pessoas (que ele governa).

(Não há rei sem vassalos).

(Nada é o rei sem vassalos)

Para além de traduzir palavra por palavra, procura o provérbio semelhante da língua de chegada, num claro exercício hermenêutico, isto é, de interpretação do provérbio.

Junod (1975) em *Vutlhari bya Vatsonga (Machangana) / The Wisdom of the Tsonga-Shangana People*, opta por um ajuste sintáctico que tem consequências a nível semântico.

Ampufuvu yi dodhla hi ku xurha. (Grafia como na fonte)

The hippo belches when satisfied.

O hipopótamo arrota quando está satisfeito.

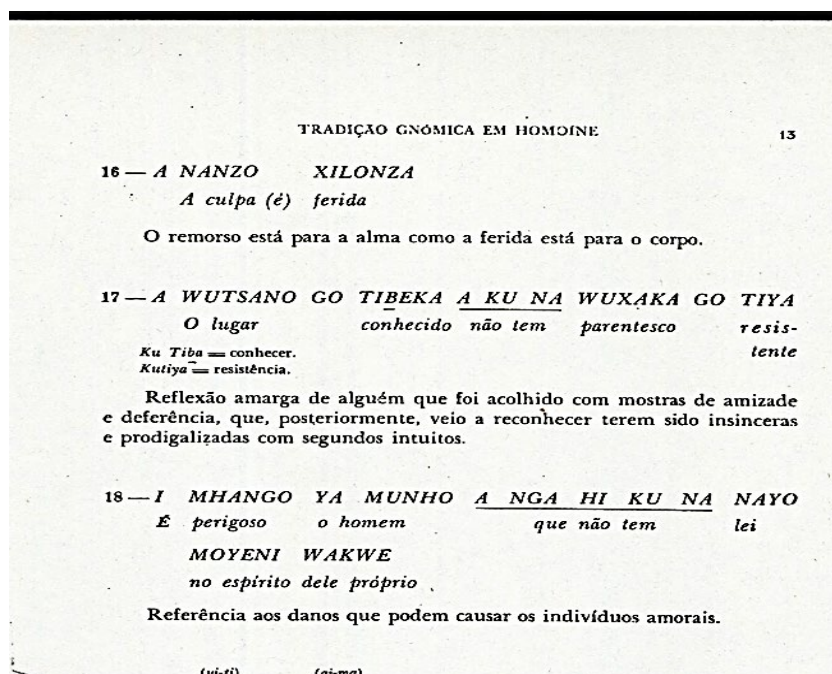
A expressão *hi ku xurha* (oração subordinada causal **por estar satisfeito**; por causa da satisfação) foi traduzida como *loko hi xurhile* (oração subordinada temporal **quando (está) satisfeito**).

**Hlanta byala, maxaka ma nga heli;
hlanta ngati va ta ku chava.** (grafia como na fonte)

Vomita cerveja, não faltam parentes;
vomita sangue terão medo de ti.
(Na adversidade se conhecem os amigos)

Padre A. Ribeiro (1989) nas suas traduções, depois da literal, recorre a um provérbio português equivalente e ainda a uma explicação. Embora respeite a “letra” (Berman, 2007), também procuram um equivalente da língua de chegada.

Rita-Ferreira (1960), em *Tradição Gnómica de Homóine*, usa uma forma combinada como mostra a imagem. Inicia a tradução de forma literal e depois coloca um provérbio equivalente da língua de chegada, a que junta, em alguns casos uma explicação circunstancial.



O objectivo ético do tradutor, por se propor acolher o estrangeiro na sua corporeidade, só pode estar ligado à letra da obra, isto é, não só às palavras, mas também à estrutura, ritmo, possíveis aliteraões, aspectos éticos e estéticos inerentes aos géneros discursivos.

CONCLUSÕES

As traduções acima apresentadas de A. Rita Ferreira (1960), Junod (1975) e Ribeiro (1989) reflectem uma preocupação com aspectos éticos e estéticos, mantendo a estrutura do T1, texto-fonte, bem como manter o foco semântico. Este último aspecto é salvaguardado também pela busca de expressões e textos equivalentes na língua de chegada. Distingue-se aqui o caso de A. Rita Ferreira que inclui uma explicação muito ligada a um contexto situacional.

Sem respostas definitivas, importa dizer que, embora na visão de teóricos contemporâneos e não só, os textos, a leitura e a tradução se construam de acordo com as circunstâncias, os significados são atribuídos numa rede de diferenças e os valores constituem-se como uma função produzida pelos sujeitos que fazem a ponte entre dois ou mais universos, de acordo com as convenções de uma comunidade sociocultural. Consequentemente, os textos não podem manter, entre si, uma relação de oposição (original vs tradução) nem de equivalência (original = tradução), mantendo os textos, deste modo, uma relação de mútua interdependência. Além disso, pesquisas e estudos das últimas décadas têm mostrado que a tradução não é apenas um processo entre línguas, mas, fundamentalmente, uma actividade entre culturas, aproximando a tradução aos Estudos Culturais, aos Estudos Comparados, à Sociolinguística, à Antropologia, à Semântica e Pragmática, aos Estudos Literários e de Comunicação.

Nas representações transculturais, de uma forma ou de outra, a mediação é efectuada pelos tradutores e os intérpretes, sujeitos presentes e incontornáveis na sua missão de criação de pontes entre homens e culturas. Os problemas daí gerados variam de acordo com o grau de distância entre as diferenças culturais envolvidas.

Do conjunto de propostas e de linhas de pensamento veiculadas em torno da tradução, particularmente de provérbios e idiomatismos, o mais importante seria apostar numa perspectiva ética, cujo objectivo seria o reconhecimento do Outro, defendida por (Berman, 2007, p. 68-70).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006. 193 p.

BASSNETT, S. Estudos de Tradução. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 223 p. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia

Vasconcelos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi.

BERMAN, A. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. 144 p.

CABECINHAS, R. e CUNHA, L.(eds.) Comunicação intercultural- perspectivas, dilemas e desafios. Porto: Campo das letras, 2008. 200 p.

CAUVIN, J. Comprendre les proverbes. Paris: Ed. Saint-Paul, 1981. 103 p.

ISER, W. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético, Volume 1, São Paulo: Editora 34, 1996. 191 p.

JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. Disponível em: [http://www.Jakobson%20-%20Linguística%20e%20comunicação%20\(2\).pdf](http://www.Jakobson%20-%20Linguística%20e%20comunicação%20(2).pdf) (Acesso em: 22 Nov. 2019)

JAKOBSON R. *On Linguistic Aspects of Translation*, 1959. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/jakobson.pdf> (Acesso em: 22 Nov. 2019)

JAUSS, H. R. Pour une Esthétique de la réception. Paris : Gallimard, 1990. 244p.

JUNOD, H. P. *Vutlhari bya Vatsonga (Machangana) / The Wisdom of the Tsonga-Shangana People*, 3rd Edition, Sasavona Books, Braamfontein, 1978. 353p.

LARANJEIRA, M. Poética da tradução. São Paulo: Edusp, 1993. 212p.

MORRIS, C. Writings on the General Theory of Signs. Den Haag: Mouton, 1971. 486p.

MORRIS, C. Signos e Valores. Lisboa: Via Editora, 1978. 130p.

NTSANWISI, H. W. E. Tsonga Idioms – a descriptive study. Braamfontein: Sasavona Publishers & Booksellers. 2nd Edition 1980. 126p.

LEGUY, C. “Formes et masques du dire proverbial”. In: BAUMGARDT, U. & BOUNFOUR, A. Le proverbe en Afrique -

- forme, fonction et sens. Paris: L'Harmattan, 2004, p. 135-157.
- PAZ, O. Traducción: literatura y literalidad, 1ª Edición. Barcelona: Tusquets, 1971. 78p.
- PEIRCE, C. S. (1994), *Pierce on Signs: Writings on Semiotic*, James Hoopes, ed., Chapel Hill: University of North Carolina Press. 294p
- RIBEIRO, P. A. *601 Provérbios Changanas*, 2ª Edição, Lisboa: Silvas, 1989. 130 p.
- RITA-FERREIRA, A. Tradição gnómica em Homóine. Maputo: Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 1960. 113p.
- RÓNAI, P. A Tradução Viva. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 210p.
- SCHLEIERMACHER, F. E.D. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Trad. Celso Braida. Princípios. Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265, jan/jun 2007.
- SCHLEIERMACHER, F. Dos diferentes métodos de traduzir. Trad. Mauri Furlan. In: *Scientia Traductionis*, nº 9. Florianópolis: UFSC, 2011. p.03-70.
- STEINBERG, M. Provérbios e tradução. In *Revista USP. TradTerm*. São Paulo, v. 2, p. 59-65, 1995.
- VENUTI, L. Escândalos da tradução: por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrini et al. Bauru: EDUSC, 2002.
- WALTER, B. A tarefa do Tradutor, in *Viva Voz*, UFMG, Trad. Fernando Camacho. P 24-49. 2008.
- XATARA, C. M. Tipologia das Expressões Idiomáticas. São Paulo: Alfa, v 42: 169-176, 1998.
- ⁱ Filósofo alemão, Friedrich Schleiermacher (1768-1834) autor do ensaio intitulado “Sobre os diferentes métodos de tradução”, de 1813, traduzido por Celso Braida, em 2007.
- ⁱⁱ “A fraseologia situa-se no campo dos estudos do léxico, sendo considerada uma subdisciplina da lexicologia. Ocupa-se das combinações estáveis de unidades léxicas, constituídas por mais de duas palavras gráficas. O seu limite superior é a frase. As **unidades fraseológicas** ou **expressões fixas** caracterizam-se pela polilexicalidade. Com uma variação gradativa, apresentam também as seguintes características: elevada frequência, institucionalização decorrente da sua reprodução ou reutilização, cristalização morfológica e semântica, idiomaticidade e variação potenciais” (Maria Joao Marçalo, Fraseologia, in *EDicionário de Termos Literários*. (Org. Carlos Ceia) <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia>
- ⁱⁱⁱ Paremiologia é a disciplina que estuda os provérbios e máximas sapienciais que tem sido desenvolvida com mais sistematicidade a partir dos anos de 1960.